

1922-2022: COMO PENSAR AS PRÁTICAS DO TURISMO A PARTIR DO DESAPARECIMENTO DO BAIRRO DA MISERICÓRDIA NO RIO DE JANEIRO?

1922-2022: HOW TO REFLECT ABOUT TOURISM PRACTICES FROM THE DISAPPEARANCE OF THE MISERICÓRDIA NEIGHBORHOOD IN RIO DE JANEIRO?

Simone Feigelson*
Vera Lúcia Bogéa Borges**
Eloise Silveira Botelho***

Resumo: O artigo aborda sobre a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil e sua relação com o bairro da Misericórdia, localizado na área central do Rio de Janeiro. Contextualiza a região a partir de referências históricas e dos impactos arquitetônicos e urbanísticos em decorrência do evento. Analisa as possibilidades de turismo na região, na atualidade, a partir das construções arquitetônicas remanescentes e dos parques urbanos que foram se constituindo nas diferentes temporalidades. O objetivo é estabelecer conexões históricas, arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas do bairro da Misericórdia com práticas de turismo. O estudo é exploratório, descritivo, realizado a partir de revisão bibliográfica e produção de mapas com software livre. O turismo na área central da cidade pode explorar as referências ao centenário da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil, ocorrida entre os anos de 1922 e 1923.

Palavras-chave: exposição; turismo; lazer; Área Central; Rio de Janeiro.

Abstract: The article discusses the International Exhibition of the Centennial of the Independence of Brazil and its relationship with the Misericórdia neighborhood, located in the central area of Rio de Janeiro. It contextualizes the region based on historical references and the architectural and urban impacts resulting from the event. It analyzes the possibilities of tourism in the region, nowadays, from the remaining architectural constructions and the urban parks that were constituted in the different temporalities. The objective is to establish historical, architectural, urban and landscape connections of the Misericórdia neighborhood with tourism practices. The study is exploratory, descriptive, carried out from a literature review and production of maps with free software. Tourism in the central area of the city can explore references to the centenary of the International Exhibition of the Centenary of the Independence of Brazil, which took place between 1922 and 1923.

Keywords: exhibition; tourism; leisure; Central area; Rio de Janeiro.

* Doutora em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Ciências em Engenharia Civil pela Universidade Federal Fluminense. Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal Fluminense. Professora adjunta da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. E-mail: simone.feigelson@unirio.br.

** Pós-doutorado pela Faculdade de Turismo na Universidade de Girona (UdG- Catalunha, Espanha). Doutorado, Mestrado e Graduação em História (UERJ). Professora Associada, Pesquisadora e Extensionista no Departamento de Turismo e Patrimônio (DETUR) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: vera.borges@unirio.br.

*** Doutorado em Gestão de Iniciativas Sociais pelo Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção (Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ). Mestrado em Ecologia social, comunidades e sustentabilidade (UFRJ). Graduação em Turismo (Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF). Professora Adjunta, Pesquisadora e Extensionista no Departamento de Turismo e Patrimônio (DETUR) na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: eloise.botelho@unirio.br.

1 Introdução

Em 2022, a celebração da Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil¹ é a motivação histórica para o estudo tendo referência em duplo pilar. Em primeiro lugar, a contextualização histórica e algumas características do bairro da Misericórdia, localizado na área central do Rio de Janeiro. Ainda nessa análise, o estudo do evento da Exposição de 1922, na área central já modificada com a derrubada do Morro do Castelo, no bairro da Misericórdia, a partir da construção de pavilhões e edificações representativas, da existência dos expositores e da circulação de visitantes que prestigiaram o evento trazendo impactos históricos, econômicos, arquitetônicos e urbanísticos para a cidade. Em segundo lugar, na atualidade, pensar a atratividade turística daquela área central carioca tanto pelas construções arquitetônicas remanescentes, do traçado urbanístico de ruas e avenidas que permaneceram, do espaço urbano que se definiu a partir das modificações ocorridas na área central, quanto às áreas verdes do entorno que foram se constituindo, nas diferentes temporalidades, em locais de lazer para residentes e turistas, com destaque para o Passeio Público, a Praça Paris e o Parque do Flamengo.

O objetivo geral deste estudo é pensar as práticas do turismo na área central da cidade do Rio de Janeiro a partir de dimensões históricas, urbanísticas, arquitetônicas e paisagísticas tendo como referência inicial a Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil (1922).

Assim, o artigo permite a apresentação de critérios que possam ser relacionados com alguns indicadores a partir de exercício reflexivo em diferentes temporalidades, isto é, o bairro da Misericórdia enquanto marco urbanístico com destaque para as áreas verdes que foram se constituindo naquela parte da cidade do Rio de Janeiro como motivação para pensar a construção do imaginário do Rio de Janeiro como cidade turística, em diferentes temporalidades dos processos de urbanização.

Já os objetivos específicos configuram-se como: (a) contextualizar historicamente o bairro da Misericórdia a partir das modificações do traçado urbanístico e das construções

¹ Entre setembro de 1922 e março de 1923, a cidade do Rio de Janeiro recebeu sua II Exposição Internacional que ocorreu na sua área central, com um grande número de palácios e pavilhões nacionais e estrangeiros, além de duas portas monumentais numa extensa área que incluía o espaço recém conquistado com o desmonte do Morro do Castelo. A então capital federal alterou seu traçado urbano para, na Exposição Internacional, incentivar o intercâmbio comercial com as nações amigas como, Inglaterra, Estados Unidos, França, Itália dentre outras. Assim, esperava-se que esses festejos atraíssem muito capital estrangeiro para o país (LÉVY, 2010).

e/ou demolições arquitetônicas (b) refletir sobre os espaços de lazer do bairro da Misericórdia e adjacências como Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo.

O estudo é exploratório e descritivo, realizado a partir da construção de um referencial teórico e de mapas utilizando do software QGis Zanzibar 3.8. Os resultados podem contribuir para o debate sobre as áreas verdes no centro da cidade do Rio de Janeiro com as possibilidades de (re)significações para o lazer e o turismo. O trabalho está dividido em três seções, além desta Introdução e da Conclusão.

2 Metodologia

No centro do Rio de Janeiro, o bairro da Misericórdia foi alvo dos processos urbanísticos que se estabeleceram tendo repercussões nas construções arquitetônicas experimentais e, assim, faz-se necessário identificar de maneira sistematizada as dinâmicas do turismo e do lazer nos três espaços verdes (Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo) que se constituíram na região e adjacências. Portanto, a presente pesquisa se configura como exploratória e descritiva sendo realizada a partir da construção de um referencial teórico sobre três divisões: (1) dimensões; (2) critérios e (3) indicadores.

Dessa forma, o estudo permite a elaboração de critérios e indicadores para compreender as convergências e as áreas verdes do bairro da Misericórdia e adjacências assumem para a cidade do Rio de Janeiro enquanto destino turístico. O Quadro 1 apresenta os critérios e indicadores de cada dimensão neste estudo.

Quadro 1 - Dimensões, critérios e indicadores

Dimensões	Crítérios	Indicadores
Histórica	Eventos e comemorações	Delimitação temporal
Arquitetônica e urbanística	Edifícios remanescentes e intervenções urbanísticas	Estilos arquitetônicos
Paisagística	Características e tipos de áreas verdes	Usos para fins de lazer e turismo
	Tipos de vegetação	Extensão das áreas verdes (m2)

Fonte: Elaboração própria (2023)

A partir do Quadro 1, para cumprir o objetivo deste estudo, serão analisadas as dimensões históricas, arquitetônicas, urbanísticas e paisagística específicas localizados no Centro e especificamente na região do bairro da Misericórdia e adjacências a partir de práticas do turismo.

Ressaltamos que as três áreas verdes selecionadas configuram-se como alternativas às áreas de lazer e turísticas já consolidadas no Rio de Janeiro. Portanto, o contraste entre o contato com a natureza numa parte sempre identificada como local do trabalho, de realização de negócios e/ou de passagem para atravessar a cidade para chegar em outros bairros pode proporcionar sensações de descobertas que podem ser analisadas pela perspectiva do Turismo. Dessa forma, o Parque do Flamengo, a Praça Paris e o Passeio Público estão localizados no bairro da Misericórdia ou adjacências e são o recorte da discussão do artigo.

3 Referencial teórico

O referencial teórico está centrado nas divisões propostas, isto é, histórica, arquitetônica, urbanística e paisagística tendo como referência o evento da Exposição Internacional do Brasil (1922-1923) que comemorava a declaração de independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822. Assim, em duas seções, essa área central carioca é discutida a partir das intervenções urbanísticas com suas áreas verdes para se pensar o lazer e o turismo em diferentes temporalidades na cidade do Rio de Janeiro.

3.1 Exposição Internacional do Centenário da Independência do Brasil (1922-1923) no bairro da Misericórdia: conexões entre história, urbanismo e arquitetura

O bairro da Misericórdia é um marco histórico para a formação do espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro (MAGALHÃES, 2017), que aos poucos foi perdendo sua referência em função das inúmeras remodelações urbanas que ocorreram na sua área de ocupação, sendo a principal a remoção do Morro do Castelo.

No ano de 1567, o então governador, Mem de Sá, transferiu o início da ocupação da cidade do bairro Urca para o bairro da Misericórdia, no alto do Morro do Castelo e ali se estabeleceu imediatamente o colégio dos Jesuítas, que foram missionários encarregados da

formação religiosa e educacional dos novos moradores da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro (CAVALCANTI, 2013).

Conforme Turazzi (2016) as primeiras construções no alto do morro do Castelo seguiam o padrão das cidades portuguesas, com o Convento dos Jesuítas, a casa do Governador, a Câmara, a Cadeia, armazéns e poucas moradias. No século XVI na base do morro já podia se identificar a ocupação de outras construções, principalmente residenciais.

No decorrer da ocupação, por volta do final do século XVI, a região na base do Morro do Castelo já estava habitada, construção da capela de Nossa Senhora de Bonsucesso e também do Hospital da Santa Casa de Misericórdia, que batizou o bairro que estava se formando no local. No século XVIII com a expansão da cidade, se iniciou a decadência do bairro da Misericórdia, que teve seu desaparecimento no início do século XX com a derrubada do Morro do Castelo (CAVALCANTI, 2013).

A área central do Rio foi remodelada, sendo uma reforma urbana, maior até que a de Pereira Passos no início do século com a derrubada do Morro do Castelo e os inúmeros aterros que foram executados com o material, tais como: o contorno do morro da Viúva no Flamengo, a área ao redor da Lagoa Rodrigo de Freitas, Avenida Portugal na Urca que passou a ligar a Praia Vermelha à Fortaleza de São João (CASTRO, 2019). Além disso, a criação da Praça Paris em 1926 e a área do aeroporto Santos Dumont² modificaram definitivamente o cenário e a paisagem do bairro da Misericórdia que passou a ser apenas uma referência na memória dos cariocas.

Nesta área “modelada”, com o desmonte do Morro do Castelo, e o aterramento das Praias de Piaçaba e de Santa Luzia, abriu-se uma grande área plana na qual se estabeleceu a Exposição Universal de 1922, para comemorar o centenário da Independência do Brasil.

A Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência foi um grande marco na história do Brasil, tendo sido um evento temporário para expor a produção do Brasil ao mundo. Conforme Levy (2008, p.11) a tradição das exposições industriais teve seu apogeu durante a segunda metade do século XIX na Europa e nos Estados Unidos, chegando no Brasil no início do século XX.

² No início dos anos 1930, o Rio de Janeiro era a capital do Brasil e não tinha um aeroporto de grande porte. Então, uma área na Ponta do Calabouço (entre as praias de Piaçaba e Santa Luzia que foram aterradas) no centro da cidade, onde atracavam hidroaviões de rotas nacionais e internacionais, foi escolhida para erguer um aeroporto que fizesse jus ao status de cidade do início do século XX. Anteriormente, no local existia um cais flutuante do Terminal de Passageiros da Pan American. (Museu Histórico Nacional, 20__)

Desde o século XIX, na Europa e nos Estados Unidos, diversas Exposições Universais foram realizadas e, segundo Levy (2008), as exposições europeias do século XVIII eram “herdeiras das feiras populares” com caráter regional. Já em meados do século XIX, com a Revolução Industrial, as exposições ganharam outros contornos. A primeira exposição internacional ocorreu em 1851, na Inglaterra, com cerca de 20 mil expositores e, segundo esse autor, apresentavam quatro seções oficiais: matérias primas, máquinas, manufaturas e artes.

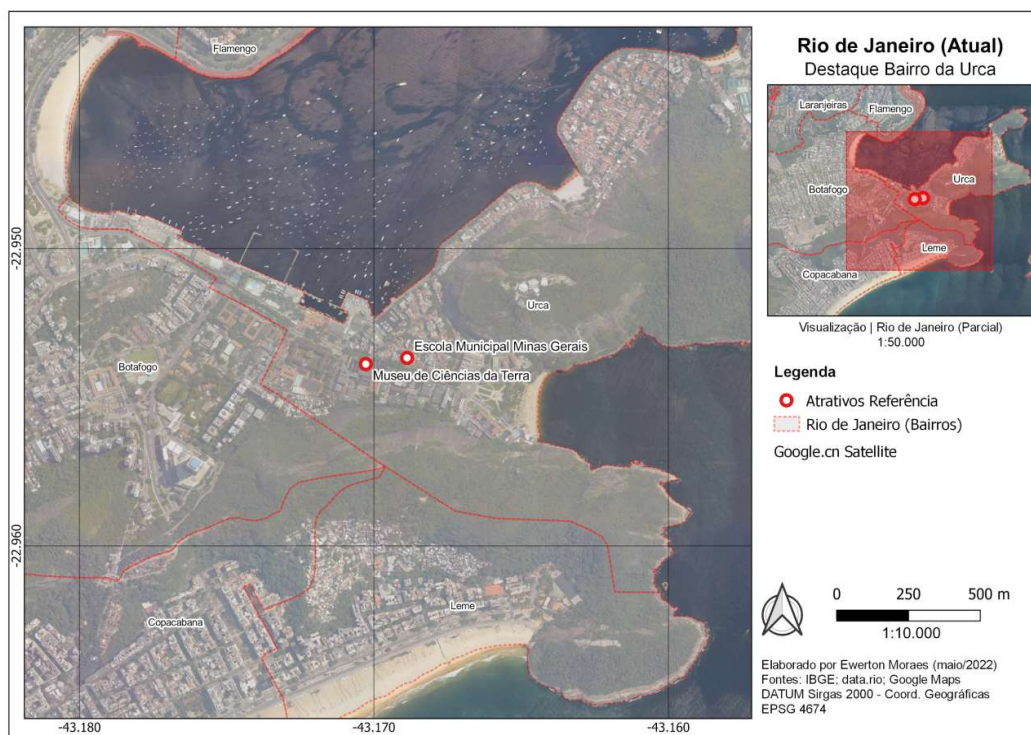
Os Estados Unidos estreiam no cenário das Exposições, de acordo com Levy (2008) comemorando o Centenário da Independência americana em 1876 na cidade da Filadélfia, com mais de dez milhões de visitantes.

Em 1889, a Exposição Comemorativa do Centenário da Revolução Francesa foi considerada como o ponto culminante das Exposições Universais, sendo a atração principal a Torre Eiffel que foi construída em apenas 17 meses e considerado até a atualidade um dos atrativos turísticos mais visitados da capital francesa (LEVY, 2008).

A primeira grande exposição internacional ocorreu no Brasil em 1908, e aconteceu entre a Praia da Saudade e a Praia Vermelha, na Urca. Essa Exposição marcava o centenário da abertura dos portos às nações amigas, com pavilhões de todos os estados brasileiros para demonstrar as riquezas e potencialidades das localidades do Brasil, tal como o Estado de Santa Catarina demonstrando os 150 tipos de madeira, produtos diferentes para os visitantes estrangeiros.

Dentre os Pavilhões, além dos Estados, encontrava-se o Palácio da Indústria, o Pavilhão das Máquinas, o Palácio das Artes Liberais, o Pavilhão da Viatura, sendo que o único pavilhão estrangeiro era o Palácio Português, além de restaurantes, Jardim Botânico, coretos musicais, entre outros. O Pavilhão dos Estados hoje abriga o Museu da Ciência da Terra, e a atual Escola Minas Gerais está situada no local do Pavilhão do Estado de Minas Gerais (LEVY, 2010). O Mapa 1 representa a atual região, conforme a seguir.

Mapa 1 - Mapa atual do bairro da Urca na Zona Sul carioca com a demarcação de construções remanescentes da Exposição de 1908



Fonte: Elaborado por Ewerton Henrique Moraes (2022)

As construções das exposições foram marcadas pelo uso do ferro, e de uma arquitetura efêmera³, construções que normalmente surgem muito rápido e que foram demolidas em pouco tempo. De forma geral, a arquitetura das exposições era monumental. Como cita Levy (2008) as edificações eram construídas apenas para uma temporada, sendo, portanto, um grande campo de experimentação, principalmente de novos materiais, como se deu com o uso do ferro.

A Exposição de 1922 ocupou uma grande área no Centro, delimitada entre o Palácio Monroe (Cinelândia) passando pela Igreja de Santa Luzia, até o Mercado localizado na Praça XV, exatamente sobreposta à região da Misericórdia. A Exposição de 22 oferecia à população uma infinidade de programas: concertos sinfônicos ao ar livre, parque de diversões, pavilhão de festas, visitas aos pavilhões, sessões de cinema (CASTRO, 2019). O evento também teve o cunho técnico e científico e artístico, com vários ciclos de debates e apresentação de produtos brasileiros.

³"A arquitetura efêmera é aquela que responde às necessidades de um momento específico, sem a necessidade de permanecer no tempo. Essa temporalidade permite que os projetos tenham mais liberdade no design, podendo alterar o espaço ao seu redor em tempo hábil. Em muitos casos, eles são construídos com estruturas temporárias, que desaparecem devido à expiração de seus materiais ou ao fim da necessidade de mantê-los após o término do evento." (ARQUITETURA EFÊMERA, 2022). Disponível em: <https://www.portaldoarquiteto.com/arquitetura-efemera-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-essa-arte/>

O evento com repercussão internacional impactou a cidade de forma generalizada, com paradas militares na Quinta da Boa Vista, desfiles de carros na orla, com o objetivo de apresentar a recém cidade remodelada por Pereira Passos ao mundo.

Como cita O'Donnell (2014) o Rio de Janeiro chegou a um grande crescimento populacional entre 1906 a 1920, quando se iniciava o planejamento da Exposição de 1922, já sendo considerada uma metrópole com mais de um milhão de habitantes que circulavam em automóveis e bondes.

Nesse cenário da cidade, a região da Misericórdia já estava muito modificada, mas ainda se encontrava o Mercado Municipal, que originalmente estava construído no Largo do Moura, atual Praça Marechal Âncora. Essa área fez parte da Exposição de 1922. Posteriormente com a construção do viaduto da Perimetral, ocorreu a mudança final da paisagem da área da Misericórdia, com o mercado demolido restando apenas uma torre das quatro originais, atualmente ocupada pelo restaurante Âncoramar.

Em 2015, nova remodelação se deu na região para as obras do Porto quando o viaduto foi demolido. A área da Misericórdia, que tanta história tem, passou a ser um fragmento esquecido de uma cidade modelada.

3.2 Espaços de lazer no bairro da Misericórdia e entorno: Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo

Nesta seção, são caracterizados os espaços de lazer que existem na região central carioca, com destaque para o Passeio Público, Praça Paris e Parque Flamengo e as possibilidades para atividades de lazer e turismo.

A cidade do Rio de Janeiro, da forma como a conhecemos hoje, e como usamos os espaços públicos para fins de lazer e turismo, possui uma configuração com as marcas da produção do espaço urbano ao longo do século XX, com destaque para o bairro da Misericórdia e a Exposição de 1922. Lançar um olhar para essas marcas, é um convite para (re)visitar a importância dos espaços públicos para a constituição de uma “cidade turística”, a partir de uma interpretação da produção do espaço urbano no momento da comemoração do Centenário da Exposição de 1922 e os desdobramentos nos planos urbanísticos posteriores. Nesse sentido, sobressaem o Passeio Público, a Praça Paris e o Parque do Flamengo.

O Passeio Público, localizado atualmente entre os bairros da Lapa e Cinelândia, é a primeira área verde criada para fins de lazer em espaço público na cidade do Rio de Janeiro, tendo sido concebido pelo Mestre Valentim da Fonseca e Silva e inaugurado ainda no período colonial (1793). Sua construção decorreu de aterramentos de lagoas, e seu traçado original dispunha de belveder, bancos e alamedas que descortinam a vista da Baía de Guanabara como paisagem a ser contemplada (RIBEIRO, 2019). Segundo o autor (2019, p. 3), o Passeio Público configura como “a primeira intervenção na cidade que transforma a vista e o contato com a natureza em objeto de usufruto, interesse e consumo para um grupo mais amplo de pessoas”.

Após muito tempo abandonado ao acaso e sem cuidados, D. Pedro II convida o paisagista Glaziou para coordenar a reforma do espaço, que levou um período longo durante o século XIX, e que trouxe mudanças no espaço ocupado e, também, embelezamento a partir de um novo paisagismo. O Passeio Público passa, então, a ser frequentado pela elite, a partir da noção, na época, do ideal de civilidade, “bom gosto” e luxo, tendo como inspiração as cidades europeias (COSTA, 2015). Ao mesmo tempo, o chafariz de grande dimensão situado no centro do Passeio atendia a população da cidade. Neste sentido, como afirma Carvalho (1999), as apropriações do espaço público pelos diferentes grupos sociais cariocas já apresentavam as suas tensões.

As reformas do Passeio Público representaram o primeiro ato das políticas de salubridade da cidade, precursor das ações higienistas dos prefeitos Pereira Passos (1902-1906) e Carlos Sampaio (1920-1922), que viriam acontecer por meio de reformas urbanas nos anos posteriores (Autores, 2021). Também, de um lado, exterminaram os bairros do Castelo e da Misericórdia, conforme explicado anteriormente, e, de outro, criou espaços públicos de lazer em áreas verdes urbanas, sob a motivação da realização das Exposições Internacionais de 1908 e de 1922 (MOLINA, 2016; SILVA; EDUARDO, 2020).

Segundo Molina (2016), é a partir do século XX que é implementada uma sucessão de planos urbanísticos que vieram modernizar a capital do país visando o “embelezamento da cidade”, com intuito de tornar o Rio de Janeiro a “Paris dos Trópicos”, produzida nos moldes das reformas urbanas da capital francesa. As Exposições representavam um caráter “pedagógico, propagandístico e ideológico”, propondo uma diferenciação competitiva a partir do fortalecimento de uma identidade nacional e posicionamento

geopolítico. Ao mesmo tempo, ocultavam conflitos e mazelas sociais resultantes das políticas de produção do espaço de caráter excludente (MOLINA, 2016, p. 29).

No início do século XX, a modernização urbana do Rio de Janeiro foi marcada por tensões de uma cidade que se constituía como capital da Primeira República e que, aos poucos, também teve sua imagem como cidade turística delineada. Esta imagem acompanhou a expansão da cidade pelos bairros atlânticos, como Glória, Flamengo e Botafogo, e a instituição de novas sociabilidades surgem a partir de parâmetros de valorização, por parte da elite, da orla da baía de Guanabara e os espaços abertos, entendidos como fonte de saúde, contribuindo para a formação do imaginário da “cidade maravilhosa” (COSTA, 2015).

As reformas urbanas de cunho higienista tiveram continuidade com o prefeito Carlos Sampaio, na década de 1920, conhecido pelo arrasamento do Morro do Castelo, projeto que criou forte tensão entre classes pobres e favelizadas e elites dominantes. O desmonte cria aterros ampliando o solo entre a praia de Santa Luzia e enseada da Glória até a ponta do Russel (ALMEIDA, 2005). Além disso, são realizadas obras de canalização de rios, abertura de vias, tais como a Avenida Rui Barbosa e a encomenda, do prefeito Eptácio Pessoa, para a construção de três hotéis, todos com o objetivo de preparar a cidade para a Exposição Internacional de 1922: Hotel Sete de Setembro (Flamengo); o Hotel Glória (Glória, da família Rocha Miranda); e o Copacabana Palace (Copacabana, do empresário Octávio Guinle), sendo as duas últimas construções de autoria do arquiteto francês Joseph Gire, sendo que o Copacabana Palace só ficou pronto em 1923, ficando como legado do período e do evento (MOLINA, 2016; SANTOS, 2010).

A Exposição Internacional de 1922 teve por objetivo demonstrar o Brasil como país “desenvolvido” e “civilizado” e, para tanto, foi necessário caracterizar sua capital como moderna, limpa, organizada, ajardinada e pronta para receber turistas e hóspedes de todo o mundo (SANTOS, 2010). Assim, a Exposição Internacional de 1922 contribuiu para reforçar este imaginário e, um exemplo disso, é a publicação do “Guia Oficial da Exposição” que dispunha de informações sobre os pavilhões, mas também como guia turístico, com o pitoresco Morro do Pão de Açúcar ilustrando a capa (COSTA, 2015).

A produção do espaço urbano motivada em torno da Exposição Internacional de 1922 teve reverberações nos anos seguintes, com o plano urbanístico de Agache. Almeida (2005) destaca que a taxa de crescimento da população aumenta a partir da migração cidade-campo, e com a cisão urbana dos planos urbanísticos anteriores, a favelização é processo

crescente. O Plano Agache é o primeiro plano diretor da cidade do Rio de Janeiro, concebido a partir da noção de *urbanismo*, no Brasil, elaborado pelo urbanista Albert Donat Agache, entre 1926-1930, e teve como centralidade “a remodelação e embelezamento da cidade, respondendo aos anseios da burguesia”. Apesar de não ter sido executado plenamente, por ter sido considerado oneroso, algumas de suas proposições foram executadas, tais como a Avenida Presidente Vargas e a Praça Paris, localizada no bairro da Glória e vizinha ao Passeio Público. Na concepção de Agache, as *praças rótulas*, tal como se configura a Praça Paris, funcionam como interligação das vias principais, além de servirem como solução estética e necessária para o “pulmão” da cidade (ALMEIDA, 2005, p. 461).

A Praça Paris é, assim, parte do processo de produção do espaço urbano que contribui para a imagem da cidade do Rio de Janeiro como “cidade turística”, em conjunto com os vizinhos Passeio Público e Parque do Flamengo (Imagem 3). A Praça Paris foi inaugurada em 1929, e sua construção teve como material proveniente do arrasamento do Morro do Castelo. A Praça tem desenho paisagístico estruturado por linhas geométricas, aleias arborizadas, e espelho d’água, sendo considerada como um tardio estilo eclético, pois o auge deste foi no início do século XX. Suas características seguem os estilos de influência francesa, o que mantém harmonia estética com o Passeio Público, que fica no entorno. Diferentemente disto, não há harmonia estética com o parque vizinho, o Parque do Flamengo, pois com sua criação, mais tardia, foram construídas pistas de alta velocidade que produziram uma “ruptura” com as áreas adjacentes (LOPES; TÂNGARI, 2010).

Casco (2019, p. 387) ao analisar as leituras da cidade como turística, a partir de cartas geográficas, afirma que a Praça Paris é situada em mapa, pela primeira vez, em 1932, e em 1937 é indicada como “local turístico a ser visitado”. Assim, ao longo do processo histórico, planos e processos urbanísticos implementados criam espaços públicos e áreas verdes, destinados ao lazer de moradores e contribuindo para a *paisagem turística* da cidade.

Nesse processo, é importante destacar a criação, em 1962, do Parque Brigadeiro Eduardo Gomes, cujo nome popular entre os cariocas é Aterro do Flamengo e, também, conhecido por Parque do Flamengo, devido à sua localização majoritariamente no Bairro de mesmo nome, e que será a denominação esta utilizada neste trabalho. O nome popular advém do processo de ocupação urbana testemunhado pelos moradores ao longo do século XX e cuja marca está nos sucessivos aterramentos, sendo o último, o desmonte do Morro de Santo Antônio o mais significativo, que faz com que o Parque tenha o título de “maior aterro urbano

do mundo” (EBAD, 2022) . Localizado ao longo da Baía de Guanabara, possui uma área de 120 hectares, ocupa trecho da orla desde a região Central, atravessando os bairros da Glória, Catete, Flamengo e Botafogo. Inaugurado em 1965, trata-se de um projeto idealizado por Lotta de Macedo Soares, com projeto paisagístico de Roberto Burle Marx e com a participação do arquiteto Affonso Reidy, autor do projeto do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro – MAM, RJ nos anos 1950 (NASCIMENTO, 2014).

O aterramento teve por objetivo construir a via expressa Avenida Beira Mar, a fim de conectar a Zona Sul e o Centro da cidade e a proposta de criação do Parque confrontou com os interesses de investidores. A intenção do projeto liderado por Lotta consistiu em conter a especulação imobiliária e na melhoria da qualidade de vida dos moradores da cidade (EBAD, 2022) e “reverenciar o panorama da fundação do Rio de Janeiro” (NASCIMENTO, 2014, p. 367). Tendo em vista os riscos oferecidos pela especulação imobiliária e a pressão política, o Parque do Flamengo foi patrimonializado antes mesmo da conclusão das obras; e em 2012, recebe o título de Paisagem Cultural do Patrimônio Mundial da Humanidade reconhecido como “Rio de Janeiro Paisagens Cariocas entre a Montanha e o Mar”, em conjunto com outros sítios expressivos (IPHAN, 2012; SIQUEIRA; SANTOS, 2021).

A proposta urbanística consiste em ir além de um parque convencional, normalmente equipados “com fontes, bancos, bustos de celebridades e playgrounds” (EBAD, 2022, s/p). De fato, o Parque do Flamengo abriga diversos equipamentos culturais e infraestruturas de lazer, tais como: museus (Museu de Arte Moderna; Museu Carmem Miranda; Centro de Cultura Japonesa); monumentos (Monumento Nacional aos Mortos na Segunda Guerra Mundial; o Monumento a Estácio de Sá, entre outros, conforme ilustrado na Imagem 2); áreas gramadas com relevos ondulados e caminhos sinuosos; áreas para lazer e esportes (piquenique, quadras esportivas variadas, pista de aeromodelismo); espaços para eventos (teatro de arena, teatro de fantoches e marionetes, coretos); restaurantes e a Marina da Glória, construída em 1976 (NASCIMENTO, 2014). Além destas estruturas, o Parque também é palco de eventos, como blocos de carnaval e competições de corrida e formaturas de estudantes; e, em 2012, em razão da Conferência das Nações Unidas para o Desenvolvimento Sustentável - Rio+20, abrigou a Cúpula dos Povos, evento paralelo com protagonismo de movimentos sociais.

Imagem 2 – Marina da Glória e Parque do Flamengo

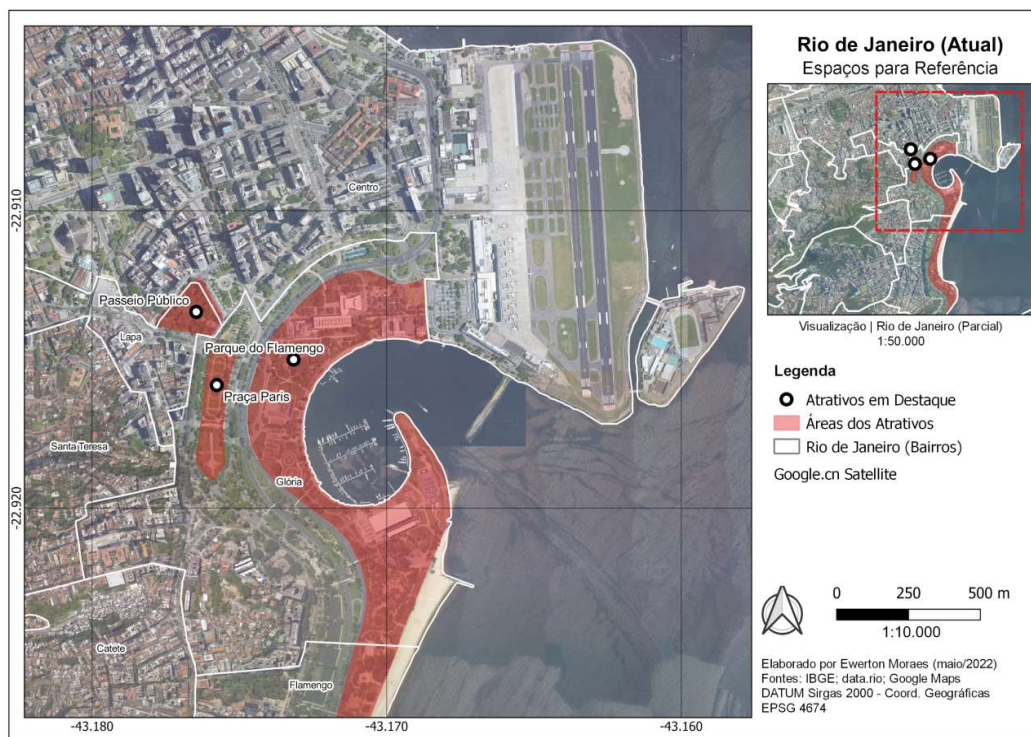


Fonte: Alicia Nijdam/Wikimedia Commons ~~Fonte:~~ (apud MultiRio , 2023)⁴

Siqueira e Santos (2021, p. 210) demonstram os diferentes usos e práticas sociais dos frequentadores do Parque do Flamengo formam uma “complexa e fina rede de relações de sociabilidade é tecida todos os dias” que atualmente são registradas em fotografias e *selfies*, conformando uma memória no contexto da paisagem urbana do século XXI. A Imagem 3 ilustra como as áreas verdes da região central da cidade estão conectadas.

⁴ Disponível em: <https://multirio.rio.rj.gov.br/index.php/historia-do-brasil/rio-de-janeiro/71-um-rio-de-muitos-janeiros/3358-o-aterro-do-flamengo-marco-paisagistico>. Acesso em: 1 abr. 2023.

Imagem 3 - Áreas verdes na parte central da cidade do Rio de Janeiro: Passeio Público, Praça Paris e Parque do Flamengo



Fonte: Elaborado por Ewerton Henrique Moraes em 13-05- (2022)

4 Resultados e discussões

Nesta seção são apresentados e discutidos os resultados obtidos no artigo. Assim, o Quadro 2, exposto a seguir, apresenta tanto os objetos de análise, isto é, as referências na atualidade dos bairros da Misericórdia e adjacências quanto às dimensões de análise.

Quadro 2 - Objetos e dimensões de análise

Objetos de análise	Dimensões de análise			
	História	Arquitetura e Urbanismo	Paisagística	
Referências na atualidade do bairro da Misericórdia e adjacências	Período Histórico	Intervenções urbanísticas e Estilos Arquitetônicos	Aproximação e/ou Extensão da Área Verde	Lazer, Atratividade Turística e demais informações

Igreja N. S. de Bonsucesso	Capela originária construída no final do século XVI sendo a atual Igreja reconstruída no século XVII e sofrendo modificações posteriores	Considerada a mais antiga da cidade, começou a ser construída em 1567. Reconstruída em 1780 forma um conjunto com a Santa Casa de Misericórdia. No seu interior podem ser observados os altares da antiga igreja dos Jesuítas.	Próxima do Parque do Flamengo nas imediações do atual Aeroporto Santos Dumont	Destaque para a imagem de N.S. Bonsucesso, os bancos em couro, detalhe da porta corta vento e o túmulo de Tomé Corrêa de Alvarenga, falecido em 1657, Provedor da Santa Casa e governador do RJ. Tombada em 15/07/1938 Endereço - Rua Santa Luzia 206
Igreja Santa Luzia	Até o início do século XX, antes da derrubada do Morro do Castelo e das modificações urbanas, a Igreja ficava em frente a praia de Santa Luzia e de costas para o Morro. O desmonte do morro e aterro da praia afastaram a igreja do litoral	Estilo neoclássico sendo reconstruída em 1872 por Mestre Antônio de Pádua e Castro alterando sua fachada e construindo duas torres. A arquitetura interna foi reformulada. Tombada em 16/07/1938	Próxima do Parque do Flamengo (nas imediações do atual Aeroporto Santos Dumont), do Passeio Público e da Praça Paris	Templo de peregrinação dos fiéis que pagavam suas promessas. Antiga região praieira e no passado colonial abrigou matadouro, a forca e o cemitério dos indigentes. Endereço - Rua Santa Luzia 490
Ladeira da Misericórdia	Antiga ladeira do Descanso, ou da Sé. A ladeira da Misericórdia deu origem a primeira rua da cidade. Data de meados do século XVI e dava acesso ao morro do Castelo	A ladeira revestida em pedra de mão é um marco remanescente do Morro do Castelo, primeira malha urbana da cidade.	Próxima do Parque do Flamengo nas imediações do atual Aeroporto Santos Dumont	Local visitado por pessoas da área de história e/ou arquitetura para fotografarem aquele vestígio do passado colonial do RJ. O trecho calçado com pedras irregulares, à maneira antiga, chamado "caminhos de pé posto"; seu topo permite panorama discreto da Baía de Guanabara, com a Ponte Rio-Niterói e Ilha das Cobras.
Santa Casa da Misericórdia	Instituição criada no século XVI, a Santa Casa de Misericórdia é a mais antiga da cidade. Entre os anos de 1840 e 1852, foi construída para funcionar como hospital e faculdade de medicina	A construção em estilo neoclássico, onde se destaca os trabalhos de cantaria e serralheria, os baixos relevos e a fachada com 46 janelas, além do frontão triangular sobre o eixo de simetria.	Parque do Flamengo na altura do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial	Tradição de assistência à saúde da população carioca. O prédio não pode ser visitado no interior e seu exterior conta com a contemplação ao prédio histórico entre os centenários ficus. Endereço - Rua Santa Luzia 206
Museu Histórico Nacional	Construído em 1764, era o depósito de material bélico da artilharia portuguesa. Com a Exposição de 1922, a construção foi reformada e após o evento passou a ser o Museu Histórico Nacional	Conjunto arquitetônico constituído pelo prédio do Arsenal de Guerra. Após a reforma de 1922 passou a ter estilo neocolonial dos arquitetos Archimedes Memória e Francisque Couchet.	Próximo do Parque do Flamengo nas imediações do acesso ao Túnel Marcello Alencar (prefeito do RJ, 1989-1993 e governador, 1995-1999)	Área de 13 metros quadrados. O conjunto arquitetônico, de grande beleza, abrange três prédios históricos: Casa do Trem, Arsenal Real e Anexo

Passeio Público Av. Rio Branco na altura do Palácio Monroe e atual Praça Mahatma Gandhi	Datado de 1788, foi construído na área aterrada da antiga Lagoa do Boqueirão da Ajuda. Projeto original do Mestre Valentim da Fonseca, que ainda deixa sua marca no Chafariz dos Jacarés, e no portão da entrada.	Em 1835 foi cercado por grades de ferro e os pavilhões reformados. Em 1861, D. Pedro II requisita ao paisagista Auguste Glazou a reforma.	Próximo da Praça Paris e do Parque do Flamengo na altura do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial	Diversas espécies vegetais povoam o jardim e são dignas de admiração. Além de árvores frutíferas, existem outras árvores decorativas e de madeira nobre. Canto de sabiás, canários, bem-te-vis e voo ligeiro dos beija-flores.
Restaurante Âncora Mar (Albamares)	Inaugurado em 1908, o restaurante é uma das 5 torres do mercado municipal. O mercado fez parte da área de exposição de 1922. O restaurante começou a funcionar nessa torre metálica em 1933. Com a construção da perimetral o mercado foi demolido.	O mercado tinha planta quadrada com pavilhões longitudinais e cinco torres octogonais em estrutura metálica, sendo uma maior no centro onde havia um relógio e quatro menores nas extremidades.	Próximo do Aterro do Flamengo nas imediações do acesso ao Túnel Marcello Alencar (prefeito do RJ, 1989-1993 e governador, 1995-1999)	Único vestígio do Mercado Municipal que acabou com a Praia de D. Manuel e o largo do Moura. Local sempre abrigou restaurantes especializados em pratos de peixe. A torre é visível para quem circula pela Praça Quinze ou passeia na Baía de Guanabara. Endereço - Praça Marechal Âncora 184
Praça Paris	Localizada na divisa entre o bairro da Glória e o centro carioca, originalmente com área de 48.000 metros quadrados.	Possui jardins em estilo francês com inspiração no Palácio Versalhes (estilo francês), com gramados, chafariz e lago com disposição simétrica sendo referência do final da Belle Époque e projetada sobre área aterrada sua construção foi concluída em 1927.	Próxima do Passeio Público e da Praça Paris, nas proximidades do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial e do Museu de Arte Moderna (MAM)	Localizada na antiga Praia da Glória que foi aterrada com imensos jardins, aula de paisagismo e bela vista para a Igreja do Outeiro da Glória
Parque do Flamengo	Área de 1.200.000 metros quadrados sendo um dos maiores parques urbanos do mundo estendendo-se desde a Praia de Botafogo até o Aeroporto Santos Dumont	Na década de 1940, o projeto de sua construção teve início a partir da preocupação em se abrir novas vias de acesso à Zona Sul da cidade, visto que as existentes já não comportam o tráfego crescente. A nova urbanização, dentro de um conceito dinâmico e de planejamento modernista, deveria compreender, além de pistas de carro, com passarelas e passagens subterrâneas.	Próximo ao Passeio Público e da Praça Paris na altura do Monumento Nacional aos Mortos da II Guerra Mundial e do Museu de Arte Moderna (MAM)	Imenso parque destinado ao lazer da população com jardins, quadra de esportes, praças e possibilidade da prática de esportes náuticos em função da Marina da Glória localizada na sua área. Espaço de convivência de famílias e/ou com animais de estimação (pets)

Fonte: Elaboração própria das autoras a partir do Guia do Patrimônio Cultural Carioca - Bens Tombados (2014) e Guia Michelin Rio de Janeiro: Cidade e Estado (1990)

Neste sentido, alguns resultados podem ser observados. Em primeiro lugar, apenas algumas construções arquitetônicas sobreviveram até a atualidade às intervenções em termos de urbanismo naquela parte do centro carioca com destaque para duas igrejas católicas enquanto marcas da religião no processo de colonização do Brasil. Somado a isso, a irmandade da Misericórdia sobreviveu às alterações impostas com a marca assistencialista tendo a missão de tratamento e sustento de enfermos, invalidados ou incapazes, ou seja, os recém-nascidos abandonados na instituição como tentativa desesperada de futuro melhor para eles. Aqui vale uma observação.

O termo Misericórdia é bastante amplo e, em linhas gerais, pode ser referente à benevolência, ao perdão ou à bondade em contextos distintos e motivados por questões étnicas, religiosas, sociais e até mesmo legais. Em várias religiões, como no Judaísmo e no Cristianismo, Deus é compreendido como misericordioso para com os fiéis e, de alguma maneira, os possíveis pecados e falhas poderiam ser julgados em busca da salvação. Dito de outra maneira, a religião foi um traço cultural formativo na cidade do Rio de Janeiro.

Em segundo lugar, a Exposição Internacional de 1922, mesmo tendo sido realizada na região central da cidade, ocupando a área desde o Passeio Público até o Mercado Municipal, o evento motivou alterações no espaço urbano também em outras áreas da cidade. Portanto, os lugares de memória como a criação do Museu Histórico Nacional (MHN) localizado na região abordada no artigo começaram a se estabelecer a partir dos ventos modernistas que marcaram a década de 1920 num amplo movimento cultural que repercutiu fortemente sobre a cena artística e a sociedade brasileira na primeira metade do século XX, sobretudo no campo da literatura, artes plásticas e arquitetura.

Em terceiro lugar, as áreas verdes criadas pela ação humana e utilizadas para fins de lazer contribuem também para a conformação da imagem turística da cidade do Rio de Janeiro, criada a partir de uma paisagem que exerce uma função estética, mas também uma função social, onde reside a expressão cultural e qualidade de vida e bem-estar buscada pela população (AUTORES, 2021). Muito embora o Parque do Flamengo seja uma área verde criada em temporalidades⁵ diversa do Bairro da Misericórdia, e os espaços que deram lugar a

⁵ No Ocidente, a origem do conceito de temporalidade pode ser observada desde a Antiguidade. Em linhas gerais, a temporalidade refere-se à noção de tempo, isto é, a uma sequência de acontecimentos que pode ser ordenada como uma forma de sistematizar períodos históricos. Na atualidade, a discussão se constitui ainda em objeto de investigação por excelência. Gomez, L. (nov., 2022). Conceito de Temporalidade. Editora Conceitos. Em <https://conceitos.com/temporalidade/>. São Paulo, Brasil. Acesso em: 1 abr. 2023.

ele, tais como Passeio Público e da Praça Paris, pode-se encontrar confluências nos processos de urbanização da cidade do Rio de Janeiro: as tensões envolvendo os interesses de uma elite carioca e os usos para fins de lazer e turismo pela classe trabalhadora.

Assim, atualmente, as áreas verdes planejadas em décadas passadas permanecem como espaços para fins de esporte, lazer e recreação e turismo. As imediações do Passeio Público são lugares de passagem, sobretudo para acessar a estação de metrô. Dessa forma, essa área verde, embora aprazível, é ocupada apenas eventualmente, com a realização de eventos e festivais de cultura, como os eventos “O Passeio é Público” (2015 e 2016), realizado por produtores com o objetivo de “ativar os jardins do Passeio Público com ações co-criativas” (PENEIRA, 2022) e “Meu Primeiro Festival”, destinado para recreação de crianças e famílias, com atrações diversas protagonizadas por artistas independentes (G1 RIO, 2022). Já a Praça Paris é frequentada cotidianamente por moradores do entorno para a prática de atividades esportivas, recreação com cachorros, piqueniques, aulas de dança e de instrumentos musicais. E o Parque do Flamengo possui uma gama variada de público e usos, conforme exposto anteriormente. O Quadro 2 sintetiza a presente análise.

5 Conclusão

O artigo tem como motivação a celebração pelo centenário da Exposição Internacional de 1922 trazendo para a cena o bairro da Misericórdia a partir do seu apagamento histórico e urbanístico e das poucas construções arquitetônicas que ainda podem ser observadas enquanto atrativos turísticos a serem visitados e (re)significados na cidade carioca. Neste sentido, o artigo foi produzido no momento em que vivemos a realidade da pandemia de COVID-19 e seus desdobramentos em comportamentos e realizações de eventos acadêmicos sendo marcado pela lembrança de acontecimentos que permite algum tipo de balanço, além da importância que a pós pandemia nos demonstrou sobre o estudo dos parques urbanos, referidos nesse artigo.

Em primeiro lugar, a comemoração do evento internacional representa importante referência da imagem que, gradativamente, o país foi ocupando no Turismo e, nesse caso, estando sediado na então capital federal. Já, em segundo lugar, a cidade do Rio de Janeiro que é um dos destinos turísticos mais procurados no Brasil passou por transformações urbanísticas que atenderam aos preceitos, por exemplo, de modernidade, salubridade, mobilidade dentre

outros e que tem, no bairro da Misericórdia, a exemplificação de apagamentos e de permanências que merecem a reflexão interdisciplinar, isto é, a articulação entre História e Turismo.

Por fim, o artigo apresenta limitações quanto aos logradouros que desapareceram, o que dificulta a possível análise e, diante do risco da imprecisão, o artigo foi pensado diante de referências bibliográficas reconhecidas pela academia. Portanto, futuros trabalhos devem ser desenvolvidos sobre o tema proposto como contribuições para a pesquisa em Turismo no Brasil.

Referências

ARQUITETURA efêmera: tudo o que você precisa saber sobre essa arte. Disponível em: <https://www.portaldoarquiteto.com/arquitetura-efemera-tudo-que-voce-precisa-saber-sobre-essa-arte/>. Acesso em: 4 abr. 2023.

CARVALHO, A. M. M. **Mestre Valentim**. São Paulo: Cosac & Naïf, 1999.

CASCO, A. C. A. J. Rio de Janeiro - uma cidade tra(duz)ida pelos mapas. **URBANA: Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, Campinas, SP, v. 10, n. 2, p. 371-400, 2019.

CASTRO, R. **Metrópole à Beira Mar, o Rio Moderno dos anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

CAVALCANTI, N. **Histórias de conflitos no Rio de Janeiro colonial**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

COSTA, A. D. A cidade do Rio de Janeiro: cultura urbana e imagem turística. **Acervo: revista do Arquivo Nacional**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 1, p. 186-195, jan./jun. 2015.

ENCICLOPÉDIA Biográfica de Arquitetas e dos Arquitetos Digital. **Perfil biográfico de Carlota Costallat de Macedo Soares**. 2015. Disponível em: <https://www.ebad.info/soares-lota-de-macedo>. Acesso em: 15 maio 2022.

FESTIVAL gratuito de música infantil no Centro do Rio terá shows, brincadeiras e mais de 50 oficinas. G1 RIO, 2022. Disponível em: <http://glo.bo/3FNPgy7>. Acessado em 15/05/2022. 2022.

GOMEZ, L. **Conceito de temporalidade**. São Paulo: Editora Conceitos, 2022. Disponível em: <https://conceitos.com/temporalidade/>. São Paulo, Brasil.

GUIA do Patrimônio Cultural Carioca: bens tombados. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro. 2014.

GUIA Michelin Rio de Janeiro: cidade e estado. Rio de Janeiro: Arturial Editorial Graphos, 1990.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Cultural. **Rio de Janeiro paisagens cariocas entre a Montanha e o Mar**. Rio de Janeiro: Dossiê Patrimônio Mundial. 2002 . Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/45>, 2012. Acesso em: 1 abr. 2023.

LEVY, R. **Entre palácios e pavilhões**: a arquitetura efêmera da exposição nacional de 1908. Rio de Janeiro: Eba Publicações-UFRJ, 2008.

LEVY, R. **A Exposição do centenário**: e o meio arquitetônico carioca no início dos anos 1920. Rio de Janeiro: Eba Publicações-UFRJ, 2010.

LOPES, A. R. G.; TÂNGARI, V. R. Análise comparativa da transformação e da morfologia da paisagem de dois espaços públicos adjacentes: a Praça Paris e a esplanada do Monumento aos Mortos da Segunda Guerra Mundial, no bairro da Glória, Rio de Janeiro. **Paisagem Ambiente**: ensaios, São Paulo, n. 27, p. 7-30, 2010.

MAGALHÃES, A. *et al.* **Misericórdia um bairro na paisagem do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro. Museu Histórico Nacional, 2017

MUSEU HISTÓRICO NACIONAL. [Museus]. Rio de Janeiro: MHN, [20--]. <https://mhn.museus.gov.br/index.php/o-museu/> Acesso: 29 mar. 2023.

MOLINA, F. S. A produção da “Paris dos trópicos” e os megaeventos no Rio de Janeiro no início do século XX. **Finisterra**, LI, n. 102, p. 25-45, 2016.

NASCIMENTO, F. S. Políticas de preservação de Jardins Históricos: o Aterro do Flamengo. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE ARQUITETURA, TECNOLOGIA E PROJETO. **Anais [...]**. Goiânia: Universidade Estadual de Goiás, 2014. p. 366-386.

O'DONELL, J. **A invenção de Copacabana**: culturas urbanas e estilos de vida no Rio de Janeiro (1890 - 1940). Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2013.

PENEIRA. **Festival o passeio é público**. 2022. Disponível em: https://peneira.org/portfolio_main/passeio-e-publico/ . Aceso em: 15 maio 2022.

RIBEIRO, R. W. Rio de Janeiro e a Avenida Beira Mar: desejo de paisagem e cidade balneário nas primeiras décadas do século XX. **Confins**: Revue Franco-brésilienne de Géographie / Revista Franco-brasilera de Geografia, n. 39, 2019.

SANTOS, A. A. **Terra encantada**: a ciência na exposição do centenário da independência do Brasil [Rio de Janeiro]. 2010. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SILVA, T. M. da; EDUARDO, C. C. Transformações geomorfológicas na cidade do Rio de Janeiro durante os séculos XIX e XX. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, n. 37, 2020.

SIQUEIRA, E. D.; SANTOS, J. S. C. Lazer, trabalho e memória no Parque do Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil. **Rosa dos Ventos**, v. 13, n. 1, 2021.

TURAZZI, M. I. **Rio, um porto entre tempos, modo de ser, modos de conhecer**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2016.